



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Divisão sociosexual e racial do trabalho

A SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO DE MULHERES CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

LETICIA EMILIANA SANTOS BARATELLI¹

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA LIMA²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as particularidades da superexploração da mão-de-obra de mulheres catadoras de materiais recicláveis, enquanto consequência da sociabilidade do capital. Este ensaio teórico apresenta um breve resgate histórico da formação sócio histórica do Brasil, e a relação complementar da particularidade da superexploração do trabalho.

Palavras-chaves: Superexploração do trabalho, Escravização, Trabalho de Mulheres.

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect on the particularities of the overexploitation of the labor of women waste pickers, as a consequence of the sociability of capital. This theoretical essay presents a brief historical overview of the socio-historical formation of Brazil, and the complementary relationship between the particularity of the overexploitation of labor.

Keywords: Overexploitation of labor, Enslavement, Women's work.

INTRODUÇÃO

A importância deste estudo se dá pelo fato de refletir sobre a superexploração da força

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

² Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de trabalho³ socialmente produzida na lógica do sistema capitalista e sua relação complementar com a questão de gênero e raça. A partir da compreensão do processo de formação do Estado brasileiro, será possível compreender seus fatores socioculturais, marcados a partir da invasão portuguesa, a colonização e a escravização dos povos negros e, posteriormente, do genocídio secular dessa população. A partir da análise sócio-histórica desse processo de formação do Estado brasileiro e do reconhecimento da importância do século XIX nesta relação sociocultural, econômica e política, será possível apreender os fatores deficitários que estão presentes na atualidade da sociabilidade brasileira.

Este artigo em questão é parte das reflexões teóricas realizadas ao longo do desenvolvimento da dissertação de mestrado que tem por objetivo compreender as particularidades da superexploração da mão-de-obra das mulheres catadoras de materiais recicláveis, enquanto consequência da sociabilidade do capital. Considerando a herança colonial do Brasil e suas consequências estruturais, a população mais atingida pelas expressões da questão social, como a desigualdade socioeconômica e condições de trabalhos precarizados é a população negra, - em especial as mulheres negras -, desenvolvendo um trabalho superexplorado.

Breve contextualização histórica da escravização

O processo de formação do Estado brasileiro contribui para a composição das características singulares do trabalho superexplorado das trabalhadoras que irão compor esse espaço de precarização.

Nessa perspectiva, a questão racial é compreendida enquanto eixo fundamental dessa relação socialmente estabelecida e, a partir dessa aproximação, será possível compreender que, no Brasil, a parcela mais vulnerabilizada e direcionada para as condições de trabalho precarizadas é a população negra. Sobretudo, é nessa população que estão evidentes as expressões da questão social “[...] a questão racial é, insistentemente, o nó da questão social, e ganha novos contornos nos dias atuais”. (Gonçalves, 2018, p. 6). É necessário considerar o período da invasão portuguesa, em meados do século XVI, quando foi realizado o sequestro

³ A superexploração é melhor definida pela maior exploração da força física do trabalhador, em contraposição à exploração resultante do aumento de sua produtividade, e tende normalmente a se expressar no fato de que a força de trabalho se remunera abaixo de seu valor real. (Marini, 1973, p. 33).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

cultural dos povos indígenas e a escravização da população negra, por mais de trezentos anos.

Os povos negros foram sequestrados de seus países de origem, no continente africano. Chiavenatto (1987), contribui sobre o sequestro físico e cultural dos povos negros com a vinda dessa população ao Brasil:

Desde a captura na África, passando pelo sofrimento nos tumbeiros que os trouxeram ao Brasil, os negros foram pasto da bestialidade humana que a escravidão gerou. Negros que morriam de peste, fome, de chibata, de quem se arrancavam membros, órgãos genitais, que se aleijavam, cegava, ou que eram besuntados de mel e entregues a vorazes formigas- é uma crônica farta de maldades. Negrinhos que eram arrebanhados ao nascer, praticamente do ventre das mães, e mortos rapidamente para não descir a negra do seu trabalho - isto quando um ardil da mãe escrava ou outro acidente qualquer permitia a gravidez progredir. Porque o comum era o aborto forçado, com métodos violentos e desumanos, pois um negro era mais barato "pronto" para o trabalho do que criado nas senzalas. Negrinhos morriam para o leite das mães fosse alimentar os nhonhozinhos brancos, que ao nascer ganhavam um moleque preto para se iniciarem no exercício de crueldade imposto pela escravidão. (Chiavenatto, 1987, p. 10).

Além da escravização, houve o sofrimento devido a separação de familiares por meio do tráfico negreiro, afinal "Foram arrancados da África Negra em torno de 100 milhões de negros, desestabilizando sociedades inteiras, fazendo desaparecer vários povos, corrompendo outros e condenando os africanos a estagnarem-se no tempo" (Chiavenatto, 1987, p.12). O tráfico de pessoas negras acontecia por meio de navios denominados negreiros, que os levavam de um país, ou de um continente para o outro. Eram transportados em condições violentas, e muitos foram jogados ao mar, por apresentarem algum sintoma de doença ou resistência, "Jogavam-se os doentes no mar, ainda vivos, para não contaminarem o resto da carga" (Chiavenatto, 1987, p. 103).

Seus corpos eram usados como mercadorias "Dessa forma, o sujeito escravizado era, ao mesmo tempo, trabalhador, instrumento de produção de mercadoria e mercadoria" (Alves, 2022, p. 214), e fonte de extração da força de trabalho, contabilizando entre catorze e dezesseis horas de trabalho, fiscalizadas por feitores escravagistas (Moura, 1992). Com relação ao tratamento, eram considerados inferiores aos animais e sem almas, assim, podendo fazer com eles tudo o que se desejasse, "[...] a imaginação dos senhores não tinha limites, e muitos criavam os seus métodos e instrumentos de tortura próprios" (Moura, 1992, p. 17).

A particularidade da mulher negra escravizada

Durante o processo de escravização, houve particularidades. A questão de gênero é



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

evidente a partir do sexismo sofrido pelas mulheres negras "Em análise retrospectiva da experiência da mulher negra escravizada, o sexismo revela-se tão forte quanto o racismo como força opressiva na vida das mulheres negras" (Hooks, 2022, p. 37). Além de serem escravizadas, as mulheres negras eram estupradas, ' Estupro era um método comum de tortura usado pelos escravizadores para subjugar negras recalcitrantes" (Hooks, 2022, p. 41). Davis (1944), também contribui a respeito do estupro enquanto uma ferramenta de dominação patriarcal:

O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros. As observações a seguir, relativas à função do estupro durante a Guerra do Vietnã, também podem ser aplicadas à escravidão: "No Vietnã, o comando militar dos Estados Unidos tornou o estupro 'socialmente aceitável'; de fato, era uma política não escrita, mas clara. Ao encorajar jovens soldados a estuprar mulheres vietnamitas (às vezes, eram orientados a "revistar" mulheres "com o pênis"), forjou-se uma arma de terrorismo político de massa (Davis, 1944, p. 36).

As mulheres negras sofriam com agressões, abusos sexuais, ocasionando o contágio de doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis, "Senhores brutais violaram negrinhas de 10, 12, 15 anos [...], no nordeste foi frequente contagiar com sífilis novinhas virgens, o que se considerava bom remédio para a doença" (Chiavenato, 1987, p.10). De fato, a escravização de pessoas negras têm grande influência na formação do Estado brasileiro, assim como a questão de gênero. O Brasil, como muitos outros países, está inserido na lógica da sociedade patriarcal de homens brancos heterossexuais, detentores dos meios sociais de produção. Hooks (2022) corrobora que:

No período de escravidão, pessoas brancas criaram uma hierarquia social baseada em raça e sexo que posicionou homens brancos em primeiro lugar, mulheres brancas em segundo, apesar de às vezes serem colocadas na mesma posição dos homens negros, que estavam em terceiro lugar, e as mulheres negras eram as últimas. (Hooks, 2022, p. 91).

Nesse sentido, pode-se analisar que a escravização possui consequências expressivas sobre quais foram os sujeitos mais prejudicados pelo regime escravocrata, resultando na singularidade de ser a mulher negra. Outro elemento fundamental da formação do Estado brasileiro, evidentemente expresso no século XIX, é o embranquecimento da nação, elemento inerente ao eugenismo. Nascimento (2016), aborda sobre como o processo de embranquecimento do país está diretamente associado ao genocídio secular da população negra:

Para a solução deste grande problema - a ameaça da "mancha negra" - já vimos que um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra pelos brancos da sociedade dominante, originando os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o

pardavasco, o homem-de -cor, o fusco e assim por diante, mencionados anteriormente. (Nascimento, 2016, p. 83).

Com isso, entende-se o quanto o processo de escravização influencia diretamente na formação do Estado brasileiro e o quanto as ideologias do eugenismo e darwinismo social estiveram presentes neste processo sócio-histórico, político e econômico do Brasil, e que permeiam a atualidade. Deve-se considerar que a formação da questão social no Brasil possui uma particularidade vinculada ao processo de escravização, a população negra foi direcionada às margens da sociedade por meio desta herança socioestrutural racista.

As vantagens do capitalismo na escravização e na pós colonização

O regime escravocrata contribuiu para o enriquecimento dos países hegemônicos, isto porque, o Brasil foi e é marcado pelo capitalismo dependente, imposto socialmente por outras nações, desde o processo de colonização. Marini (1973) pontua:

[...] a economia exportadora constitui a transição a uma autêntica economia capitalista nacional, a qual somente se configura quando emerge ali a economia industrial, e que as sobrevivências dos antigos modos de produção que regiam a economia colonial determinam todavia em grau considerável a maneira como se manifestam nesses países as leis de desenvolvimento do capitalismo dependente. A importância do regime de produção escravista na determinação da atual economia de alguns países latinoamericanos, como por exemplo Brasil, é um fato que não pode ser ignorado. (Marini, 1973, p. 28).

Dessa forma, a economia brasileira está fadada a produzir e exportar matéria-prima, e não desenvolver uma estrutura nacional de produção, investindo cada vez mais na importação de produtos, que, conseqüentemente, prejudicial, uma vez que as importações são compradas em valor de outras moedas mais altas, como o dólar e o euro. Esse processo de dominação é denominado de capitalismo imperialista. Lênin (2007) corrobora que:

Os monopólios, a oligarquia, a tendência para a dominação em vez da tendência para a liberdade, a exploração de um número cada vez maior de nações pequenas ou fracas por um punhado de nações riquíssimas ou muito fortes, tudo isso originou os traços distintivos do imperialismo, que obriga a caracterizá-lo como capitalismo parasitário ou em estado de decomposição. (Lênin, 2007, p. 146).

Evidenciar as relações contraditórias sobre a fase do capitalismo dependente possibilita a compreensão do processo de desenvolvimento do país e sua influência nas condições de trabalho da população. O país inserido no capitalismo em sua fase monopolista, contribuiu para a efervescência da questão social (Netto, 2011). É nessa fase do capital em que se acentuam o empobrecimento, o desemprego e todas as mazelas sociais. Nessa fase monopolista do capital, ocorre a capitalização da mais-valia, pois o detentor dos meios sociais de produção divide o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

capital em constante e variável. O capital variável é direcionado aos pagamentos dos salários, gastos gerados pela produção e nas compras da matéria-prima utilizada. Já o capital constante será utilizado em investimentos em tecnologias, matérias-primas, aprimoramentos da empresa ou em meios de produção. Braz e Netto (2012) corroboram a respeito:

Podemos, agora, voltar ao D do nosso capitalista. A parte que ele investe em meios de produção, já o vimos, constitui o capital constante (c); a parte que investe na compra da força de trabalho, vamos denominá-la capital variável (v) - porque a força de trabalho, no processo de produção, além de reproduzir o seu próprio valor, cria um valor excedente, que se altera conforme as condições do processo de trabalho. (Braz e Netto, 2012, p. 114).

Com isso, cada vez que a mais-valia é capitalizada e investida para aperfeiçoamento, contratações, avanços de tecnologias e de produção, essas grandes indústrias compram as empresas menores que não estão conseguindo realizar os avanços propostos pela era monopolista do capital. Uma das consequências geradas pelo capitalismo monopolista é que o monopólio desencadeado pela “livre concorrência” afeta os preços das mercadorias, e por não haver concorrência, logo, controlam os preços “[...] a tendência à equalização das taxas de lucro objetivadas no estágio concorrencial do capitalismo, é revertida em favor dos grupos monopolistas (que extraem seus superlucros também a partir de uma dedução da mais-valia de outros grupos capitalistas)”. (Netto, 2011, p. 21).

Em consonância ao processo de formação dos monopólios, outra consequência é o desemprego em massa, “[...] 'Numa palavra, o desemprego em massa não resulta do desenvolvimento das forças produtivas, mas sim do desenvolvimento das forças produtivas sob as relações sociais de produção capitalistas” (Braz e Netto, 2012, p. 147), uma vez que as empresas possuem tecnologias avançadas capazes de substituir a força de trabalho humana, ocorrendo “[...] a constituição do que Engels, inspirado pelos cartistas ingleses, designou como exército industrial de reserva⁴ [...]” (Braz e Netto, 2012, p. 145). Nesse processo, há milhares de pessoas concorrendo pelo emprego “[...] tal exército é um componente necessário e constitutivo da dinâmica histórico-concreta do capitalismo.” (Braz e Netto, 2012, p. 145).

Isso significa uma vantagem ao capital, uma vez que a demanda por trabalho aumenta, mesmo que por salários inferiores e em condições precarizadas, o que é de fato, o trabalho, pois em sua fórmula orgânica, sem os impositivos da alienação e estranhamento, o trabalho é uma atividade humana que possibilita a transformação do homem a partir do processo metabólico de transformação da natureza em produto e do homem primitivo em ser social. Opondo-se a

⁴ Ou seja, um grande contingente de trabalhadores desempregados, que não encontram compradores para a sua força de trabalho. (Braz e Netto, 2012, p.145)



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ideologia capitalista sobre o processo de trabalho estranhado e alienado imposto socialmente na cotidianidade dos dias atuais, pois, originalmente "[...] o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza" (Marx, 2017, p. 255).

Contudo, considerando a necessidade do salário como forma de manutenção da vida, em todas as suas esferas materiais e concretas, os trabalhadores se vêem obrigados a vender seu único meio de subsistir: sua força de trabalho, mesmo em condições de superexploração.

A superexploração do trabalho das mulheres catadoras de materiais recicláveis

A superexploração do trabalho no Brasil possui particularidades devido ao processo de formação sócio histórica do país, "Portanto, a superexploração do trabalho e o racismo condicionam as(os) trabalhadoras(es) negras no desemprego, subemprego, precarização do trabalho, adoecimentos decorrentes do trabalho e da violência racista, assim como na pobreza (Alves, 2022, p. 218). A autora Soares (2022), acrescenta que:

Portanto, a superexploração da força de trabalho deve ser entendida como uma expropriação que ocorre sob distintas formas, como as mencionadas acima, mas destacamos que quando a superexploração ocorre mediante o prolongamento da jornada de trabalho, assim como por meio do aumento da intensidade além dos limites normais, podemos identificar as suas formas mais brutais como nas jornadas exaustivas da escravidão contemporânea (Soares, 2022, p. 116).

Dessa forma, a partir dos elementos socializados neste artigo, nota-se que, ao analisar a construção sociohistórica da formação social do Brasil, e a relação complementar da escravização das pessoas negras, pode-se compreender as particularidades que compõem o direcionamento deste grupo social ao trabalho mais precarizado. Ademais, a herança do Brasil escravocrata reflete ainda nos dias atuais sobre os grupos que são majoritariamente direcionados para o trabalho superexplorado. Afinal, a população negra foi direcionada às margens da sociedade, "Da sociedade escravocrata e dessa crença, nasceu uma ideologia que deturpou a crítica social e deixou vícios culturais que justificam ainda hoje as injustiças sofridas por negros e pobres" (CHIAVENATO, 1987, p. 153). Com isso, devido ao processo de abolição da escravização as pessoas negras foram direcionados ao trabalho assalariado, a partir disso, "[...] as primeiras medidas para o fim da escravidão, transformando gradativamente os escravos em trabalhadores assalariados" (Chiavenato, 1987, p. 215). Alves (2022) corrobora



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

que:

A superação do modo de produção escravista e a transição do trabalhador escravizado para o trabalhador livre se materializaram em uma sociedade em que o racismo se tornou um elemento estruturante das divisões de classes, possibilitando a marginalização e a exclusão da população negra do mercado de trabalho assalariado e a inclusão em postos de trabalho de subsistência e informais" (Alves, 2022, p. 214).

Somando a isso, a particularidade do trabalho das mulheres catadoras de materiais recicláveis, no Brasil, associa-se à população que mais sofre pela desigualdade social - a população negra, pois, "[...] no registro que o Brasil tem de si mesmo, o negro tende à condição de invisibilidade" (Gonzalez, 2020, p. 221). A autora Gonzalez (2020) ainda, contribui que:

Nossa situação atual não é muito diferente daquela vivida por nossas antepassadas: afinal, a trabalhadora rural de hoje não difere tanto da "escrava do eito" de ontem; a empregada doméstica não é muito diferente da "mucama" de ontem; o mesmo poderia se dizer da vendedora ambulante, da "joaninha", da servente ou da trocadora de ônibus de hoje e da "escrava de ganho" de ontem. (Gonzalez, 2020, p. 217).

São os mesmos grupos sociais que ocupam trabalhos nas condições mais precarizadas, ao passo que, cerca de 66% dos catadores e catadoras, no Brasil, são negros (Ipea, 2013). Ademais, segundo os dados do Movimento Nacional dos Catadores e das Catadoras de Materiais Recicláveis (MNCR), do ano de 2014, cerca de 70% desse trabalho foi realizado por mulheres negras⁵, o que justifica, mais uma vez, o recorte de gênero e raça desta pesquisa. Por isso, é importante a análise singular do grupo que mais sofre com os fatores estruturantes desta sociabilidade e, de fato, é a mulher negra a mais atingida nas relações patriarcais e de exploração da força de trabalho pelo capitalismo. As condições precarizadas de trabalho e a superexploração da mão-de-obra a partir da divisão sexual do trabalho⁶, na perspectiva de raça, gênero e classe. Conforme Antunes (2009):

As relações entre gênero e classe nos permitem constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivenciamos também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres que trabalham são, desde a família e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho. (Antunes, 2009, p. 109).

Com isso, é possível compreender o espaço socialmente construído e imposto a um

⁵ Disponível em:

<https://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>

⁶A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc). (Kergoat, 2003, p. 55).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

determinado grupo da sociedade, afinal, tais fatores estão intrinsecamente associados à temática. Analisar a totalidade e investigar o sistema econômico, dominante nas relações econômicas mundiais e como ele se expressa, no Brasil, é fundamental para a compreensão das especificidades da superexploração da força de trabalho das mulheres negras e catadoras de materiais recicláveis.

Esse fato é evidenciado pelos dados produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que, no ano de 2019, 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza, em contraponto com as casas chefiadas por mulheres brancas, que cai para 39,6% (IBGE, 2019). Com isso, analisar a organização do trabalho, que é a coleta de materiais recicláveis, é aproximar-se da particularidade da superexploração da força de trabalho das mulheres catadoras de materiais recicláveis. Isso, porque:

O trabalho da reciclagem é considerado por muitos, asqueroso e degradante, pois remete ao que é "sujo". Esses trabalhadores, em sua maioria afrodescendentes, nem chegaram a se integrar no mercado de trabalho formal, sempre estiveram e ainda continuam excluídos das oportunidades. Ainda nesta reflexão, vale ressaltar também que as condições de trabalho e moradia desses trabalhadores estão relacionadas e remete à compreensão da divisão social do trabalho. (Silva, 2014, p. 250).

No que diz respeito à realização prática desse tipo de trabalho, uma grande parcela de tempo é gasta na separação dos resíduos sólidos, coletados nas piores condições, além de outras etapas, como a organização dos materiais recicláveis que serão vendidos. Assim, somente após esse tempo de trabalho empregado na separação, que elas conseguirão vender o material final. Com relação à dimensão do trabalho explorado, não há remuneração por essa dupla atividade, caracterizando a superexploração da mão-de-obra das catadoras.

Outro fator importante sobre a coleta de materiais recicláveis é a questão do meio ambiente, pois o acúmulo excessivo de resíduos sólidos tem se intensificado nesta fase atual do capitalismo, pelo aumento da produtividade, padrão de consumo e, conseqüentemente, sua lógica de substituição de mercadorias. Ademais, como forma de contextualizar, é necessário evidenciar que o capitalismo, em seu desenvolvimento sócio-histórico, evidentemente no século XXI, apresenta uma fase de alta destruição do meio ambiente. Silva (2010) corrobora que:

Esta tendência destrutiva do capital reside em sua natureza mesma, como "contradição viva": ao subordinar a produção aos imperativos da acumulação [...] O assombroso aumento da produtividade do capital o faz senhor e voraz devorador dos recursos humanos e materiais do planeta para, em seguida, retorná-los como mercadorias de consumo de massa, cada vez mais subutilizadas ou, diretamente, como armamentos com imenso poder destrutivo. (Silva, 2010, p. 48).

Nesse sentido, surge a organização de coleta de resíduos sólidos devido a demanda que o próprio sistema gera com o modo de produção desenfreado, totalmente predatório e destrutivo do meio ambiente. Essa atividade torna-se uma realidade presente neste século, devido à produção obsoleta, com a redução da durabilidade das mercadorias já determinadas. Em conformidade ao que foi dito anteriormente, este trabalho superexplorado terá uma singularidade, em que será desenvolvido, majoritariamente, com enfoque nas mulheres negras.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a partir das breves reflexões sobre as temáticas trazidas neste artigo, torna-se possível a compreensão dos efeitos prejudiciais do período de trezentos e oitenta anos de escravização no Brasil. Assim como, é possível entender que a gênese para a singularidade do trabalho superexplorado é herança da escravização dos povos negros, por meio da exclusão e do direcionamento dessa população as margens da sociabilidade capitalista. Consequentemente, tiveram que ocupar, ao longo da historicidade, os trabalhos mais precarizados. Ademais, é possível identificar as particularidades de gênero das mulheres negras, pois além de sofrerem pela escravização, também eram submetidas a violências de gênero.

Devido a esse processo histórico da formação social, econômica e política do Brasil, compreende-se que as pessoas negras sempre estiveram submetidas às piores condições e relações de trabalho, como o caso do setor de coleta de materiais recicláveis, majoritariamente composto por pessoas negras, segundo os dados que foram socializados neste artigo. Dessa forma, para compreender o trabalho superexplorado desenvolvido pelas mulheres catadoras de materiais recicláveis é necessário analisar os elementos constituintes presentes na particularidade da formação social, econômica, cultural e política do Brasil e o quanto esses elementos estruturantes estão relacionados às singularidades do trabalho superexplorado.

REFERÊNCIAS

Agência IBGE. **Síntese dos Indicadores Sociais 2019**. Acervo IBGE, 2019.

ALVES, Leonardo Dias. **A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural**. Revista Katálysis, v. 25, p. 212-221, 2022.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

BRAZ, Marcelo. NETTO, José. **Economia política: uma introdução crítica**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

CHIAVENATO, Julio, 1987- **O negro no Brasil: da senzala à Guerra do Paraguai**. ed. brasiliense s. a. - São Paulo.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 1994.

GONÇALVES, Renata. **Quando a questão racial é o nó da questão social**. Florianópolis, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro- latino - americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libanio. 11ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Situação social das catadoras e catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis**. Brasília: Ipea, 2013.

KERGOAT, Danièle. **Divisão Sexual do Trabalho e relações Sociais de sexo**. In: Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org.), Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.). **Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: Desafios para a política pública**. - São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

LENIN, Vladimir. **O imperialismo, fase superior do capitalismo**. Brasília: Editora Nova Palavras, 2007.

MARINI, Ruy. **Dialética da dependência**. Editora Era, México, 10ª edição, 1973.

MARX, Karl, 1818-1883. **O capital: crítica da economia política: livro I**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MOURA, Clóvis. **A história do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática SA, 1992.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

NASCIMENTO, **Abdias do. O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

SILVA, Carlúcia Maria. **Trabalho, economia solidária e catadores de recicláveis: desigualdades de gênero e de raça, em busca de cidadania**. Revista da ABET, v. 13, n. 2, p. 248-261, 2014.

SILVA, Maria das Graças. **Questão ambiental e desenvolvimento sustentável: um desafio ético-político ao serviço social**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Marcela. **Escavidão e dependência: opressões e superexploração da força de trabalho brasileira**. Laborare, v. 5, n. 9, p. 170-191, 2022